Brazilian Journal of health Review

Prática de bullying Infanto-Juvenil: Conscientização e intervenção em uma Escola particular no interior do Amazonas

Child and Youth Bullying: Awareness and intervention in a private school in the interior of the Amazon

DOI:10.34119/bjhrv3n5-244

Recebimento dos originais: 08/09/2020
Aceitação para publicação: 15/10/2020

Karllen Adriane Bezerra da Silva
Estudante de Bacharelado em Enfermagem do 10° Período
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB
Estrada Coari-Mamiá, 350, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: adriane.bezz@gmail.com

Marcela Moraes Barbosa
Estudante de Bacharelado em Enfermagem do 10° Período
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB
Estrada Coari-Mamiá, 350, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: macelinhamoraes2@gmail.com

Melissa Bruna Vieira dos Santos
Estudante de Bacharelado em Enfermagem do 10° Período
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB
Estrada Coari-Mamiá, 350, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: enf.melissavieira@gmail.com

Dhienifã Brena Marinho de Souza
Estudante de Bacharelado em Enfermagem do 10° Período
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB
Estrada Coari-Mamiá, 350, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: dhienifa.brena@gmail.com

Dhionatan Rayden Germano Gadelha
Estudante de Bacharelado em Enfermagem do 10° Período
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB
Estrada Coari-Mamiá, 350, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: dhionatan.enf@gmail.com

Adria Dantas de Souza
Estudante de Bacharelado em Enfermagem do 10° Período
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB

Brazilian Journal of health Review

Estrada Coari-Mamiá, 350, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: adriadantas23@gmail.com

Michel Nasser Corrêa Lima Chamy
Bacharel em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas
Mestre em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas
Atualmente cursando Doutorado pela USP - PROESA
Estrada Coari-Mamiá, 350, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: clchamy@ufam.edu.br

Patrícia dos Santos Guimarães
Bacharel em enfermagem pela Universidade Federal do Amazonas
Especialista em Enfermagem do Trabalho
Atualmente cursando Doutorado pela USP-PROESA
Estrada Coari-Mamiá, s/n, Bairro Espírito Santo, Coari-Am. CEP: 69460-000
E-mail: enf.psg@gmail.com

RESUMO
Em tempos cada vez mais adversos, a necessidade de uma mente psicologicamente saudável se evidencia e faz com que haja reflexão e busca para compreender a raiz de tantos males que acometem a saúde mental dos indivíduos.
A prática de bullying muito comum nos mais diversos ambientes tem potencial bem mais nocivo quando direcionada à públicos em formação de caráter e personalidade, como o público abordado no Projeto Bullying, aplicado por finalistas do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Amazonas em uma escola particular de ensino fundamental na cidade de Coari-Am.
O objetivo do projeto almejava vislumbrar um panorama da proporção do problema na referida escola, conscientizar através de metodologias e didáticas específicas para o público alvo com o teatro, roda de conversa com empoderamento ao conceder a fala no microfone dando voz as vítimas e oportunidade de redenção aos bulinadores e conversa com profissional de psicologia.
Ao final da aplicação do projeto foi ofertada a instituição de ensino iam caixa para servir como canal de comunicação de possíveis práticas de bullying para os alunos denunciantes aos gestores e lideranças da escola de forma anônima. Tal ferramenta tinha o intuito de coibir oi reduzir o número de vítimas na escola.
O projeto do qual este relato de experiência nasceu, intuiu por luz ao tema em questão e dar importância aos malefícios que tal prática inflige às suas vítimas. De certa forma, a questão ainda não tem a visibilidade que deveria e muitos dos traumas e fantasmas das vítimas nunca se vão, então o ciclo vicioso se repete dentro dos ambientes de convivência coletiva da sociedade, assim consegue vitimar silenciosamente sem cessar.

Palavras-chave: Bullying, saúde Mental, infanto-juvenil.

ABSTRACT
In increasingly adverse times, the need for a psychologically healthy mind is evident and makes reflection and search to understand the root of so many evils that affect the mental health of individuals.
The practice of bullying very common in the most diverse environments has much more harmful potential when directed to audiences in character and personality formation, such as the public approached in the Bullying Project, applied by graduates of the Nursing course at the Federal University of Amazonas in a private elementary school in the city of Coari-Am.

Brazilian Journal of health Review

The goal of the project was to get a glimpse of the proportion of the problem at that school, raise awareness through methodologies and didactics specific to the target audience with the theater, a wheel of conversation with empowerment by granting speech at the microphone giving voice to victims and opportunity for redemption to bullies and conversation with psychology professionals. At the end of the project application, the educational institution was offered a box to serve as a communication channel of possible bullying practices for the reporting students to the school managers and leaders in an anonymous way. This tool was intended to curb or reduce the number of victims at school.
The project from which this experience report was born, shed light on the issue in question and give importance to the harm that such practice inflicts on its victims. In a way, the issue still does not have the visibility it should and many of the victims' traumas and ghosts never go away, so the vicious cycle repeats itself within the collective living environments of society, so it manages to victimize silently without ceasing.

Keywords: Bullying, Mental Health, Childhood.

1 INTRODUÇÃO

As escolas têm como compromisso oferecer não apenas educação, mas também o desenvolvimento pessoal, interpessoal e o convívio social, para que seus estudantes se tornem responsáveis e engajados na sociedade. É um espaço para aprimorar conhecimentos, habilidades, criar e discutir ideias, interagir, pertencer a grupos e aprender a lidar com situações de conflitos. Entretanto, neste mesmo ambiente algumas crianças e jovens têm o seu progresso arruinado por viveram situações de violência (SILVA et al., 2017).

A violência escolar sempre existiu e o bullying é uma categoria desta, sendo caracterizado por poder de intimidação utilizando comportamento agressivo constante durante um longo tempo. *Bullying* é um termo originário da língua inglesa que se refere a atos de agressão e perseguição, além de ofensas e insultos praticados em uma relação de desigualdade de poder, onde valentões aterrorizam os mais fracos com “brincadeiras” que mascaram a intenção de maltratar, resultando em humilhação e exclusão social da vítima (MARCOLINO et al., 2018; SILVA et al., 2017). É comum que as zombarias sejam relacionadas a particularidades do indivíduo, tais como: idade, estatura, aparência, personalidade, desenvolvimento emocional ou a seus grupos sociais (MARCOLINO et al., 2018;).

Os ataques normalmente ocorrem quando os adultos não estão por perto, dificultando a identificação pela equipe pedagógica, o que pode prejudicar a escolaridade, a saúde e a qualidade de vida dos estudantes inseridos (vítimas, agressores e testemunhas) (SILVA et al., 2018). A maioria das vítimas apresentam não apenas o declínio do desempenho escolar, mas também tendem a desenvolver alterações psicológicas referente ao relacionamento social e familiar, além de baixa autoestima, insegurança, insônia, ansiedade, depressão e até mesmo pensamentos suicidas

que culminem no próprio ato (SILVA et al., 2017; SILVA et al., 2018). Enquanto os agressores e testemunhas podem apresentar tantos problemas escolares, quanto de ordem afetiva e social, podendo os agressores mergulharem futuramente em problemas com álcool, drogas ou até mesmo a ingressar no mundo do crime (SILVA et al., 2017).

O bullying constitui-se como problema de Saúde Pública, difícil, profundo, multidimensional e relacional que exige políticas públicas que visem a prevenção e a redução da violência escolar com a promoção da saúde e melhora da qualidade de vida dos educandos (MARCOLINO et al., 2018; SILVA et al., 2018). Além disso, também se faz extremamente indispensável a intervenção imediata das agressões, proporcionando comportamentos saudáveis para assim impedir o desenvolvimento dos problemas escolares e os possíveis danos à saúde dos alunos (SILVA et al., 2018).

A elaboração do plano de cuidado à vítima de *bullying* é uma responsabilidade compartilhada tanto pela família e sua rede social, quanto pela escola e os serviços de saúde, uma vez que este problema prejudica a saúde física e mental dos alunos, tornando-se necessário criar um elo de confiança entre cuidador e vítima, sobretudo por este está inseguro e com medo (PIGOZI, 2018).

A Atenção Básica é a porta de entrada preferencial da rede de atenção à saúde (RAS), sendo coordenadora do cuidado e ordenadora das ações e serviços ofertados pela rede. Procura gerar atenção integral aos seus clientes por meio do reconhecimento das necessidades biológicas, psicológicas, ambientais e sociais do ser humano, promovendo saúde, prevenção da doença, diagnóstico, tratamento, reabilitação e diminuição de danos (BRASIL, 2017).

Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo descrever a experiência vivida por seis acadêmicos do curso de enfermagem do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) Campus Médio Solimões sobre uma atividade curricular de extensão que ocorreu com alunos do 1° ao 9° ano do ensino fundamental de uma escola particular de Coari, Amazonas, Brasil.

2 RESULTADOS

Durante as atividades, os estudantes do 1° ao 9° ano puderam interagir uns com os outros na quadra da escola, onde foram realizadas oficinas como roda de conversa, teatro, perguntas e repostas com psicólogo, todas voltadas para a realidade escolar da referida faixa etária.

No primeiro momento, os profissionais da educação levaram as crianças e as organizaram na quadra sentados no chão, lado a lado. As crianças ficaram um pouco agitadas com a expectativa da interação.

A abordagem começou com uma apresentação teatral que tinha como foco uma sala de aula comum, com um aluno novo em seu primeiro dia de aula. Ao longo da encenação, o aluno era bulinado pelos demais colegas por causa da cor da sua pele, por causa do seu cabelo, pelo jeito que andava e como se vestia sofrendo agressões constantes.

As crianças assistindo à peça demonstraram empatia pela personagem maltratado, chegando a vaiar os personagens agressores. Tal panorama repercutiu tanto no emocional das crianças, que após a apresentação, quando perguntadas sobre como se sentiam, houve muitos relatos de tristeza, raiva e injustiça. Percebemos que as crianças sabiam que a atitude dos bulinadores era errada e quanto o personagem principal sofria.

Em um dos momentos, as crianças puderam pedir a palavra e compartilhar suas experiências, uma maneira de as encorajar a falar abertamente sobre como se sentem. Como fruto dessa abertura, os educandos que sofriam bullying contaram suas versões e apontaram seus colegas bulinadores de forma muito natural e emotiva, houve pedidos de desculpa por parte de valentões, muitos tomaram a iniciativa e até chegaram a admitir que praticavam a violência contra outros colegas que estavam presentes. Com abraços e muitos aplausos, as crianças perceberam que falar ajuda a eliminar a violência aumentando o sentimento de empatia uns pelos outros.

A roda de conversa com a psicóloga ultrapassou as expectativas do projeto, sendo bastante produtiva até para os profissionais de educação que estavam a observar os alunos de um ângulo diferente, podendo notar fragilidades e dificuldades que muitas das vezes passam despercebidas.

Os educandos das séries mais avançadas tendem a ser mais fechados e a não admitir de forma mais aberta o sofrimento de práticas como o bullying. Conseguimos através desse projeto, perceber que a frequência é realmente alarmante e a falta de diálogo com os familiares e com os próprios professores que os acompanham diariamente faz com que a criança internalize e de alguma forma inconsciente aceite sofrer o bullying por achar que não pode ou consegue reagir.

O projeto conscientizou e propôs a escola que implementasse um espaço para falar sobre o problema, como uma caixinha do tipo “ Não se cale”, para os alunos que de forma anônima queiram relatar casos de abusos e violências do tipo bullying.

Diante do exposto, o projeto cumpriu seu objetivo de realizar educação em saúde mental ao passo que também ofertou uma possível ferramenta de intervenção para monitorar, reduzir e até coibir em âmbito escolar casos de abuso e violências como o bullying.

Brazilian Journal of health Review

3 DISCUSSÃO

Estima-se que feridas crônicas, como as UVs constituam cerca 70 a 90% das úlceras de membros inferiores. Ainda que as UVs possuam taxa de mortalidade quase nula, estas apresentam uma morbidade bastante significativa, pois resultam em desconforto, incapacidade, dor e odor, interferindo nas diversas dimensões da vida dos pacientes, alterando sua qualidade de vida (REIS et al., 2013).

No relato apresentado, observamos que as úlceras venosas nos membros inferiores do paciente dificultavam a sua deambulação, apresentando dores intensas e odor fétido interferindo negativamente na sua qualidade de vida e assim, impossibilitando-o muitas vezes de sair de casa e realizar suas atividades diárias. Uma revisão realizada por Santos et al., (2015), mostrou que a presença de UVs influenciam negativamente na qualidade de vida dos indivíduos.

O processo de enfermagem tem como objetivo oferecer subsídios para o desenvolvimento de uma assistência de enfermagem de qualidade com base no método científico, identificando a situação problema do indivíduo e assim elaborando a implementação adequada das ações de enfermagem que envolvem diagnóstico e prescrições de enfermagem (SILVA et al., 2017).

O diagnóstico de enfermagem é composto pelo histórico e exame físico considerando condições socioeconômicas e contexto sociocultural, queixas e duração dos sintomas, história da patologia atual, características de doenças anteriores, principalmente trombose venosa profunda, traumas anteriores nos membros inferiores, existência de doenças varicosas, avaliação das condições vasculares e da lesão (DANTAS et al., 2016). Por meio dos achados encontrados através da anamnese e do exame físico do paciente, alguns diagnósticos de enfermagem foram levantados sendo fundamentais para elaboração do cuidado integral (HERDMAN; KAMITSURU, 2017). Salientamos que objetivamos aqui elencar somente os cuidados/intervenções realizados com o paciente, com base nos diagnósticos levantados.

Dessa forma, os cuidados de enfermagem por meio da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) se constituem como uma importante ferramenta metodológica para a construção do cuidado conforme as necessidades humanas básicas do paciente contribuindo para a melhora do seu quadro clínico. Uma revisão conduzida por Grasse et al. (2018); levantou 84 diagnósticos e 306 intervenções de enfermagem para pacientes portadores de úlceras venosas crônicas. Isso reafirma que a SAE colabora para uma assistência baseada em evidências científicas melhorando a qualidade da atenção à saúde do paciente acometido com essa condição. Nesse mesmo estudo, os autores ressaltam algumas intervenções de enfermagem mais essenciais no acompanhamento desses pacientes como: aplicação de bandagem compressiva, realização de

curativos, avaliação da lesão, avaliação do nível de dor, verificação do estado nutricional do paciente, sinais de infeções e estimulação da deambulação (GRASSE et al., 2018).

A enfermagem é uma profissão que desde seus precursores, direciona sua assistência no cuidado ao ser humano por meio de uma visão holística. Seus cuidados são importantes em diversas enfermidades (BARBOSA et al., 2020; GONÇALVES et al., 2020; NEIVA et al., 2019; PORFIRIO; MOREIRA, 2019; SOUZA et al., 2020) e percebemos que neste caso de ulcera venosa crônica, também são eficazes.

Não houve alterações nos achados laboratoriais no paciente avaliado, no entanto, os níveis de hematócrito, hemoglobina e os leucócitos geralmente se alteram em casos de UVs, pois estão associados à anemia e infecções. A baixa quantidade de hemoglobina prejudica o processo de perfusão tecidual contribuindo para cicatrização demorada. Níveis de albumina inferiores a 3 g/dL são comumente associados ao atraso na cicatrização devido à diminuição da angiogênese, proliferação de fibroblastos e a síntese e remodelação da ferida (BORGES, 2000).

O paciente algumas vezes não compareceria ao SPA para realização dos curativos devido a distância entre o serviço e sua residência, além das constantes dores no membro afetado com a lesão, dificultando na melhora do quadro clínico por descontinuidade da intervenção. Dessa forma, observamos a importância da atuação da atenção básica, pois muitos SPA's na cidade de Manaus realizam os curativos de pacientes acometidos com úlceras venosas somente em finais de semana.

Assim, as Unidades Básicas de Saúde (UBS) deveriam realizar o acompanhamento constante desses pacientes para melhorar a qualidade de vida e evitar as recidivas, uma vez que a atenção primária à saúde é uma das portas de entrada do cliente na rede hierarquizada do Sistema Único de Saúde e deve atuar no processo de promoção e prevenção da saúde assim como realizar diagnóstico precoce, acompanhamento e tratamento. No que diz respeito ao paciente acometido com úlceras venosas algumas das atribuições da atenção básica seriam prevenir recidivas através de estratégias clínicas e educativas, avaliar dados sociodemográfico, anamnese e fatores de risco, verificar sinais vitais, sinais de infecção, edema, localização da lesão, tratamento da dor, cuidados com área lesionada, medicamentos relacionados ao tratamento e solicitar exames quando necessário (COSTA et al., 2017).

4 DISCUSSÃO

Com este projeto buscou-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento acerca desta problemática que é o bullying nas escolas. De acordo com Ferreira e Vianna (2018), o bullying é um fenômeno que ocorre em todas as escolas do mundo, em diversos contextos, sem

restrição, independentemente do nível socioeconômico, gênero ou faixa etária. Segundo Trevisol e Uberti (2015), o bullying atinge seu pico no ensino fundamental e médio, onde os alunos mais velhos praticam o bullying contra os mais novos.

Nesse contexto, buscou-se o desenvolvimento de atividades de prevenção, identificação e erradicação do bullying na escola Arco Íris, através de oficinas, rodas de conversa, teatro, perguntas e respostas para os alunos do 1° ao 9°.

Basoni et al (2020) e Costa et al (2020), afirmam que o bullying implica em várias consequências negativas na vida do aluno/vítima, afetando sua formação psicoemocional e socioeducacional. Para Brandão e Matiazi (2017) é necessário que haja um maior engajamento das escolas no enfrentamento do bullying, a promoção projetos que abarquem debates e discussões, envolvendo alunos, professores e familiares é uma alternativa que deve ser implementada por essas instituições.

Essa mesma ideia é defendida por Silva e Borges (2018), segundo esses autores a implementação e disseminação de ações que busquem discussões acerca de campanhas de conscientização, prevenção e orientação se trata de algo essencial para solucionar o problema.

Em uma dinâmica em grupo realizada com 20 alunos do 9º ano do ensino fundamental em uma instituição escolar localizada na cidade Manaus-AM, diversas experiências puderam ser experimentadas pelos participantes e sentimentos como a dor e o sofrimento vividos em situações de Bullying, seja na escola ou fora dela puderam ser aflorados, o que pôde gerar um momento de grande comoção (FORTE, 2020). Para Afonso e Coutinho (2013), a organização em grupos permite conhecer crenças, sentimentos e convicções de cada participante, o que leva a reflexões, adaptações e mudanças de paradigmas, além de estimular novas experiências e aprendizagens, que são aspectos importantes para o enfrentamento dessa problemática.

No entanto, somente isso não é o suficiente. É necessário que haja uma busca pela transformação da realidade dos participantes, e para isso é imprescindível que se trabalhe os aspectos educativos e reflexivos do grupo, com o intuito melhorar a comunicação e a aprendizagem dentro dele (AFONSO & COUTINHO, 2013).

Neste sentido, as atividades iniciaram com a encenação do bullying na escola (Peça teatral), que teve com foco um aluno no seu primeiro dia de aula. Durante a apresentação foi possível perceber o despertar de várias emoções nas crianças, mostrando a importância do tema e do meio de conscientização.

Transmitir valores como o respeito, a cordialidade, o perdão e a aceitação do diferente por meio de atividades que tragam à tona a problemática que é o bullying, moldam as maneiras de

pensar e agir da criança e do adolescente, e partir deles é possível criar uma nova visão, novos conceitos, sejam eles individuais ou coletivos (DUTRA; GONÇALVES; WANZINACK, 2016). Dessa forma, é possível dentro da escola que os alunos aprendam a conviver em harmonia, respeitando a individualidade e diferenças do outro (ZEQUINÃO et al., 2016; SILVA; BORGE, 2018).

Carvalho, Moreira e Tales (2017), asseguram que propor formas de interação entre os alunos, trabalhando a conscientização sobre a prática do bullying e seus efeitos danosos podem evitar novos casos. É de fundamental importância que as escolas, através dos professores, psicólogos e pedagogos, busquem criar ambientes onde possam coibir, identificar e reprimir o bullying.

Segundo Bandeira (2009), o professor é um profissional que tem um papel crucial na identificação de comportamentos agressivos ou intimidadores dentro das salas de aula. Eles transmitem a ideia de poder, pois são os responsáveis por dirigir as salas de aula e podem punir atos produzidos pelos alunos que não condizem com as regras da escola, sendo assim, este deve observar estas atitudes e caso necessário intervir, evitando assim futuros casos.

Freire e Aires (2012) garantem que os psicólogos desempenham um importante papel no combate a essa prática. Estes devem trabalhar junto ao corpo docente, promovendo espaço para escuta psicológica, abordando estratégias que visem o desenvolvimento da comunicação e que possibilitem a construção de um ambiente de confiança e respeito.

Em seu estudo que buscava esclarecer a contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying, Freire e Aires (2012) concluíram que a escola e a família desempenham um papel crucial na prevenção da propagação do bullying em diversos ambientes, pois, suas atuações devem estar pautadas em atitudes de amor, solidariedade, justiça e diálogo com os jovens, propiciando o conhecimento de uma nova cultura, diferente da que estão vivenciando.

No entanto, estudos apontam que o bullying pode ser uma prática cultural onde grande parte de ensinamentos cruéis e agressivos demonstram ter origem no âmbito familiar. O agressor frequentemente se depara com situações dessa natureza em seu lar e assim propaga sua repetição (PRODÓCIMO, 2009; Basoni, 2020). É imprescindível que os profissionais estejam preparados e capacitados para identificar, intervir e, principalmente, prevenir essa prática. (TREVISOL; PEREIRA; MATTANA, 2017).

Brazilian Journal of health Review

5 CONCLUSÃO

No contexto geral a realização da ação foi de grande relevância, visto que envolveu e chamou a atenção dos alunos presentes, os quais tiveram a oportunidade de presenciar um episódio ensaiado de bullying e entender os fatores de risco e consequências que essa prática causa. Tornou-se notório o retorno á encenação, que os levou ao auto confronto, na medida que lhes permitiu entender que todos são importantes. (DUTRA, 2016) E que todas as crianças precisam de segurança, proteção, que sejam respeitadas e que se sintam bem dentro da sala de aula para que possam se desenvolver por completo, e isso com alegria.

Há alguns anos atrás o termo *bullying* era pouco mencionado, pois o assunto não tinha a mesma proporção que tem nos dias de hoje, principalmente ao que se considera ao status do mundo atual, que vive uma era de avanços tecnológicos, dos jogos eletrônicos, que em sua grande maioria incita à violência, bem como filmes e documentários pensados para as crianças e adolescentes em formação social e biológica. Esta modalidade de violência atinge a faixa etária de crianças na idade escolar e adolescentes. E é neste estágio da vida os hormônios se afloram e se alteram as formas de pensar, decidir e de se comportar. (BRANDÃO et al., 2017).

Para Silva e Borges (2018) o bulliyng é uma forma de violência oculta que vem crescendo e tem chamado a atenção pelo seu potencial de gerar consequências desastrosas para as vítimas, (KEGLER et al., 2020) que em geral, não costumam contar aos pais e/ou responsáveis sobre as agressões sofridas. Situação está que vem causando danos irreparáveis ao indivíduo, de ordem emocional e socioeducacional (SILVA et al, 2018).

A falta de entendimento ou o desinteresse sobre o tema por parte da família e dos profissionais de ensino é o principal obstáculo para a superação e resolução desse problema, e cabe aos pais e aos educadores a atuação na formação de cidadãos de caráter, que é o ponto principal para a construção de um mundo melhor e uma sociedade mais justa (SILVA et al., 2018). E enquanto a sociedade subestimar este problema a educação continuará funcionando como reprodutora dessa formar de violência, dito isto, faz-se necessário que pais e educadores estejam atentos a qualquer forma e sinal agressivo (SILVA et al., 2018).

As estratégias *antibullying* exigem comprometimento e empenho das escolas com o desenvolvimento de trabalhos contínuos de prevenção, adotando condutas que possam reduzir este problema de forma clara e eficaz. As ações de prevenção devem incluir em primeira instancia o conhecimento, por parte do corpo escolar acerca do fenômeno (BANDEIRA, 2009).

O *bullying* possui um poder propagador e multiplicador e devido a isso, espera-se que escola ensine aos alunos a lidar com suas emoções, dificuldades, a respeitar as diferenças, a

aprender a conviver, a socializar, a dividir, compartilhar, a canalizar sua agressividade, enfim, a se relacionar de forma saudável com os colegas (LISBOA et al., 2009). Uma vez que, a escola exerce um papel crucial na formação humana e é dela, o compromisso pela disciplina e formação de homens e mulheres aptos para a vida (JESUS, 2019). Pois é através da educação que se forma cidadãos conscientes, mostrando-lhes qual o melhor caminho a seguir, elucidando-os sobre o perigo que é o bullying (DUTRA, 2016).

No Brasil políticas públicas voltadas à prevenção do *bullying*, especificamente, ainda são inexistentes, embora, felizmente, esse processo já seja considerado um problema de Saúde Pública (BANDEIRA, 2009).

Segundo Brandão e Matiazi (2017) é importante envolver a participação da família, sociedade, autoridades e escola no desenvolvimento de ações de prevenção ao bullying visando inibi-lo desde a primeira infância. Portanto, intensificar o trabalho de prevenção dentro do âmbito escolar pode ser uma possibilidade real em que agredidos e agressores possam ser esclarecidos quanto ao ato ilícito. E dependendo da gravidade do ato, medidas legais podem ser adotadas afim de reduzir os casos de *bullying* em ambientes escolares.

Brazilian Journal of health Review

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Claudia de Moraes. Bullying: auto-estima e diferenças de gênero. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação do Desenvolvimento. Agosto, 2009.

BASONI, A. et al. Uma revisão bibliográfica acerca do bullying e suas consequências no ambiente escolar. Revista FAROL – Rolim de Moura – RO, v. 10, n. 10, p. 7-17, jul./2020.

BRANDÃO, E. C.; MATIAZI, L. D. BULLYING: VIOLÊNCIA SOCIOEDUCACIONAL – DESAFIOS PERMANENTES. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Brasília - Df, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html)>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

CARVALHO, L. J.; MOREIRA, D. B. Políticas públicas de combate ao bullying no âmbito escolar: estratégias de enfrentamento no Brasil, Estados Unidos, Finlândia, Espanha e Portugal. Revista Projeção, Direito e Sociedade, v 8, n°2, ano 2017.

DUTRA, L. R. Bullying: Conscientização e Respeito, Mudança de Atitudes. Universidade Federal do Paraná, Blumenau, 2016.

FERREIRA, T. A. D. Bullying na escola: análise da percepção docente. Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FORTE, L. D. P.; CASTRO, E. H. B. Experienciando o Bullying: Possibilidades de Auto Reconhecimento do Ser-Si-Mesmo de Alunos da Rede Pública de Ensino. Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq.Vol XXV, nº 2, jul-dez, 2020.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012.

JESUS, D. A. C. O pacto entre a escola e o judiciário contra o bullying. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 5, n. 7, p. 7763-7767 jul. 2019.

KEGLER, E. et al. Perfil do bullying escolar: uma comparação entre escolas da rede estadual e municipal de um município da região central do Rio Grande do Sul. Braz. J. Hea, Rev., Curitiba, v. 3, n. 3, p. 6396-6406 may/jun. 2020.

LISBOA, C.; BRAGA, L.L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. Contextos Clínicos, vol. 2, n. 1, janeiro-junho 2009.

MARCOLINO, E.C. et al. Bullying: Prevalência e Fatores Associados à Vitimização e à Agressão no Cotidiano Escolar. Texto Contexto Enferm, 2018.

PIGOZI, Pamela Lamarca. A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 28(3), e280312, 2018.

PRODÓCIMO, Elaine. Um Olhar Sobre o Bullying: Reflexões a Partir da
Cultura. IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Outubro, 2009.

SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. v 17, nº 2, Julho/Dezembro de 2013.

SILVA, D. et al. Vítimas e Agressores – Manifestações de Bullying em Alunos do 6º ao 9º Ano de Escolaridade. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, ESPECIAL 5. AGO.2017.

SILVA, L. O.; BORGES, B. S. BULLYING NAS ESCOLAS. Direito & Realidade, v.6, n.5, p.27-40/2018.

SILVA, J. L. et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018.

TOLEDO, M. M. Ciências da saúde: teoria e intervenção 3 / Organizadora Marileila Marques Toledo. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

TREVISOL, M. T. C.; UBERTI, L. Bullying na escola: a compreensão do aluno no papel de testemunha. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 17(3), 164-176. São Paulo, SP, set.-dez. 2015.

TREVISOL, M. T. C.; CAMPOS, C. A. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. Psicologia Escolar e Educacional, SP. v 20, nº 2, Maio/Agosto de 2016.

TREVISOL, M. T. C.; PEREIRA, B.; MATTANA, P. Bullying na adolescência: causas e comportamentos de alunos portugueses e brasileiros. Rev. educ. PUC-Camp., Campinas, 24(1):55-72, jan./abr., 2019.

ZEQUINÃO, M. A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar. 2016.